



Gusmão

Março de 2014

A Disneyficação da literatura: quando o ratinho que dominou o mundo entra em ação

Por Veridiana Domingos

Poucas vezes na história do cinema houve longas metragens que retratavam o que acontecia nos bastidores dos estúdios Disney. O recém-estreado *Saving Mr. Banks* conta a história sobre o conflituoso processo de convencimento de Walt Disney para que a escritora Pamela Travers concedesse os direitos autorais de sua história de Mary Popins. Ao longo do enredo, Walt Disney tenta persuadir a autora por meio de argumentos emocionais e apelativos, como, por exemplo, vincular a compra dos direitos autorais à felicidade de suas próprias filhas. Embora o filme mostre o lado dissimulador de Disney, ele ainda não abarca todos os mecanismos presentes do que hoje se denomina *disneyficação* da literatura e das histórias.

Apesar da morte precoce, Disney teve tempo, ao longo de seus 65 anos, de cuidadosamente articular e sedimentar as empresas que carregam seu nome (The Walt Disney Company), que hoje arrecadam U\$ 45 bilhões anualmente. O magnata americano não soube apenas montar uma companhia muito bem consolidada, mas também criar,

por meio de suas histórias (não tão suas assim), um reino mágico de fantasias que não só tem caráter ilusório, mas, sobretudo, ideológico.

Aproveitando da ausência (ou da regulamentação) fraca dos direitos autorais na época em que foram escritas, a Disney tem, em seus maiores sucessos, histórias furtadas de autores a quem pouco se dá os créditos – pouco ou nenhum. Nem créditos e nem dinheiro. Lewis Carroll (ou seus herdeiros) não recebeu um tostão por *Alice no País das Maravilhas*, nem os irmãos Grimm, por *Pequena Sereia*. Se a questão estivesse apenas nos direitos autorais, ainda não haveria tanto problema – mesmo porque os estes ainda não eram leis estabelecidas na época em que os Grimm escreviam. O problema repousa no rolo compressor pelo qual passam essas histórias populares, lendas e folclores furtados pelo “caro” Walt.

Clássicos, como *O Rei Leão*, diretamente inspirado em um conto japonês, passam pelo processo hoje denominado *disneyficação*. Este processo seria reponsável por imputar nas histórias furtadas visões sanitárias que retiram o mistério e os conflitos nelas presentes. O resultado seriam histórias pasteurizadas, sentimentalistas e reducionistas¹. Não apenas isso, como também há uma americanização das histórias que compreende uma reprodução dos padrões sociais dominantes. Padrões dominantes, aqui, têm uma miríade de conteúdos que vão desde padrões de beleza e gênero até padrões colonizadores. *Pocahontas*, por exemplo, é uma narrativa colonialista de teor antimiscigenacionista, enquanto *Cinderela* ou *A Pequena Sereia* trazem padrões patriarcais de submissão da figura feminina à eterna busca pelo príncipe encantado – busca esta que se apresenta como a única possibilidade de vida a elas. Esse padrão, inclusive, é bastante distinto das histórias dos concorrentes da Disney, os irmãos Warner, que

¹Schickel, R. *The Disney version: the life, times, arts and commerce of Walt Disney*. London: Pavillon Press, 1986

criaram personagens de personalidade única, como o Pernalonga, um coelho descolado e de língua afiada.

Há umas boas décadas, contudo, o ratinho de calças vermelhas tem vencido o coelho sagaz. Nossas crianças cresceram e ainda crescem assistindo à Disney. Que padrões sociais estes desenhos vêm imprimindo nelas? Um estudo² com meninas pequenas, desenvolvido por Michele Escoura Bueno, demonstra que as narrativas Disney conformam padrões de beleza e conjugais idealizados. Com frequência, as meninas associam felicidade ao encontro de um príncipe encantado e beleza a olhos claros e cabelos lisos, tomando como referências as princesas da Disney.

Fica aqui a reflexão para um futuro sem Mary Popins *disneyficadas*, mais personagens sem o véu rosa jogado por Walt e muitos, mas muitos sacis pererês.

Uma indicação de leitura que dá continuidade aos processos sociais desenrolados pelo fenômeno Disney é o livro Disneyzação da Sociedade, onde o autor Alan Bryman, a partir de uma perspectiva distinta da aqui apresentada, demonstra como os padrões dos parques temáticos Disney se impuseram para outros espaços sociais e urbanos.

²Este estudo é parte da dissertação de mestrado defendida no departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo pela antropóloga Michele Escoura Bueno. O trabalho está disponível neste link:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08012013-124856/pt-br.php>